

# Na contramão do setor capitalista

Por Karen Rodrigues

As organizações sem fins lucrativos e não governamentais, conhecidas como terceiro setor, já contam com 338 mil associações no Brasil, conforme pesquisa de 2008 da FAS-FIL (Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos no Brasil). Estas instituições, que têm o intuito de atender às áreas sociais, nas quais as ações governamentais são ineficientes, estão se profissionalizando e com isso se tornando uma oportunidade de emprego para estudantes e recém-formados.

De acordo com a consultora de recursos humanos da Catho, Glaucia Santos, do mesmo modo como as empresas privadas, as ONGs geram empregos em diferentes áreas, com destaque para Administração, Serviço Social, Recursos Humanos, Publicidade e Propaganda, Psicologia e profissionais da área da Saúde de um modo geral.

Para atuar nessas instituições, segundo a consultora, é imprescindível gostar de trabalhar na área social. “Como, muitas vezes, as ONGs trabalham em condições difíceis e com poucos recursos é importante que seus profissionais tenham criatividade em trabalhar com recursos dis-

**“Para dar ferramentas de aprendizado é preciso de vários profissionais ao lado dos garotos no sentido de complementar sua formação”, diz João Batista da Cruz Filho**



poníveis, em equipe, desenvolvendo trabalhos multidisciplinares a fim de atender plenamente os objetivos da ONG”, explica Glaucia.

## Vantagens e desvantagens

Formada em Turismo pela ECA-USP, a jovem Renata Pinheiro Rampazzo atuou por um período em uma



Fotos: Divulgação



**“A ONG não é como uma empresa privada que você chega e faz uma proposta de salário e pede aumento. Ela ainda não visa um plano de carreira. Se fizer uma comparação com meus amigos que ficaram no Turismo, eles ganham quatro vezes mais do que eu”, afirma Renata Pinheiro Rampazzo**

Agência de Turismo, realizou pesquisas pela FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) e trabalhou em hotéis e em eventos durante seis meses em Londres. Seu primeiro contato com ONGs foi ao atuar num projeto de turismo de extensão universitária, o Rosa dos Ventos, que promovia viagens dentro da cidade e Estado de São Paulo, com crianças e jovens dessas instituições, que não possuíam condições de viajar. “A extensão me fez conhecer o mundo das ONGs um pouco melhor”, afirma.

A vantagem que Renata viu em ONGs, ao ponto de optar por esta vertente do mercado de trabalho, foi o fato de querer algo que agregasse em seu trabalho. “Não queria que o resultado fosse apenas a satisfação do cliente, o lucro do meu chefe e o meu salário, eu queria que fosse o meu salário e a satisfação de outras pessoas que não teriam outras alternativas se não fosse o trabalho de uma ONG.

**Jovens buscam no terceiro setor carreira que os façam adquirir conhecimento com realização profissional**

Sei que meu trabalho aqui não é uma coisa que vai mudar a sociedade, mas está contribuindo”.

Atuando desde agosto de 2007 no Projeto Quixote, uma organização que trabalha com crianças em complexas situações de risco, Renata afirma que a desvantagem desse setor é a remuneração salarial. “A ONG não é como uma empresa privada que você chega e faz uma proposta de salário e pede aumento. Ela ainda não visa um plano de carreira. Se fizer uma comparação com meus amigos que ficaram no Turismo, eles ganham quatro vezes mais do que eu”.

Quanto ao fato de ser uma nova chance no mercado, ela acredita que como uma oportunidade de aprendizado é válido, mas não acha que as pessoas devam entrar nesse mercado visando apenas uma carreira. Ainda mais que, com a crise econômica atual, ocorreu uma retração e as ONGs não estão contratando, estão apenas buscando voluntários.

## Olhar para o próximo é o que motiva

Motivado apenas pelo lado humano, já que o fator financeiro ainda não serve de estímulo para atuar no terceiro setor, o gerente de produção do Instituto de Reciclagem do Adolescente – Reciclar, João Batista da Cruz Filho, há 13 anos trabalha com adolescentes da favela Jaguaré.

Ele conta que para entender o processo de reciclagem, e assim transmitir conhecimento, decidiu aprender as técnicas num curso de Papel e Celulose oferecido pelo SENAC.

A ONG que atualmente atende 100 adolescentes, na faixa etária de 14 a 16 anos, divide seu projeto em três ações.

Ele também acredita que o setor é um meio para ampliar o mercado de trabalho, porém ainda é preciso muito profissionalismo. João afirma que a presença de profissionais na instituição só vem somar. “Para dar ferramentas de aprendizado é preciso de vários profissionais ao lado dos garotos no sentido de complementar sua formação”, conclui.

